

ONDE ESTÃO AS NEVES DE ANTANHO?¹

Daniela Prado

Tratar de Monteiro Lobato é um grande desafio. Quando se pensa em sua obra, normalmente vem à mente, num primeiro momento, o escritor de literatura infanto-juvenil, criador da Emília, da dona Benta, da Narizinho, do Pedrinho, da tia Nastácia, do Sítio do Pica-pau Amarelo. Personagens tornadas ainda mais célebres depois de difundidas numa série pela TV Globo nos anos 1970-1980 e, mais recentemente, numa nova versão do Sítio que chegou a ser adaptada aos tempos modernos, mostrando, por exemplo, uma dona Benta atualizada, usando computador e mandando *e-mails*.

A obra de Lobato, entretanto, é tão vasta quanto variada, e não se resume ao público infantil. Pelo contrário. Muitos de seus livros são de temática adulta, tendo surgido antes do sítio. Destaque para *Urupês* (1918), onde encontramos o famoso Jeca Tatu; *Negrinha* (1920); *O presidente negro* (1926), que pelo caráter visionário voltou à baila depois da eleição do presidente dos Estados Unidos, Barak Obama; A barca de Gleyre, reunião de correspondências trocadas durante mais de quarenta anos com Godofredo Rangel, amigo da época da faculdade em São Paulo. A obra infantil de Lobato só aparece mais tarde. Começou publicando histórias curtas – *Narizinho Arrebitado* em 1921, *O Marquês de Rabicó* em 1922 – , mas só em 1931 elas viriam a ser reunidas na série *Reinações de Narizinho*.

O desafio referido no início deste texto, no entanto, não se restringe apenas ao estudo da obra. A vida de Lobato está repleta de peripécias e acontecimentos que despertam nossa curiosidade, principalmente quando nos damos conta de que se interpenetram nos seus escritos. O autor era dotado de um espírito ativo, aventureiro, dinâmico, militante, empreendedor, engajado em questões nacionais. Lobato foi “um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente” (BOSI, 1994, p. 215). A compra da Revista do Brasil, em 1918, por exemplo, foi um marco importante não só para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro, mas deu impulso também para publicações de caráter cultural, ainda raras nesse período.² O professor de Literatura Brasileira da USP, Alfredo Bosi, retrata Lobato como alguém que “encarnou o divulgador agressivo da Ciência, do progressismo, do ‘mundo moderno’, tendo sido um demolidor de tabus”³. O envolvimento de Lobato com as questões nacionais espalhou-se pelas mais diversas áreas: saneamento, ferro, petróleo, reforma agrária⁴. E o mais curioso: questões ainda presentes no cotidiano do povo brasileiro.

Antes de passarmos à obra a ser apresentada neste artigo, ou justamente como forma de introduzi-la, vale a pena resgatar alguns momentos de destaque da vida do escritor. José Renato Monteiro Lobato, que mais tarde se tornaria José Bento (por ter se apegado à bengala com as iniciais J.B.M.L. do avô, de onde veio o Bento), nasceu em Taubaté em 1882. Em 1897, vai para São Paulo estudar Direito, na Academia do Largo São Francisco. Em 1904, já formado, retorna a Taubaté. Assume, a partir de 1907, o cargo de Promotor Público em Areias, cidade que iria inspirar alguns dos contos do livro *Cidades mortas*, publicado só mais tarde, em 1919, quando já estava atuando no mercado editorial. E aqui chegamos ao nosso destino.

O primeiro conto, título do livro, “*Cidades mortas*”, mostra bem a relação feita por Lobato entre o definhamento das cidades do Vale do Paraíba e a decadência econômica resultante do enfraquecimento da produção de café, que durante anos representou uma das maiores riquezas da região. O teor crítico aparece logo no segundo parágrafo do conto:

“A uberidade⁵ nativa do solo é o fator que o condiciona. Mal a uberidade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital – e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.” (Lobato, 2007, p.21)⁶

A inspiração para certos contos de *Cidades Mortas* veio justamente da experiência de Lobato em Areias, quando foi promotor. O escritor, segundo seu biógrafo Edgard Cavalheiro em *Monteiro Lobato: vida e obra*⁷,

¹ Referência ao poema “Ballade des dames du temps jadis” (“Balada das damas de outrora”), de François Villon (1431-1463), poeta francês da Idade Média.

² Cf. Tânia Regina de Luca, “Imprensa e mundo letrado paulista no início do século XX: o caso de Monteiro Lobato”, publicado em LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 189.

³ Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994, p. 216.

⁴ Cf. Nísia Trindade Lima, “Um médico sabidíssimo contra o *Triatoma bacalaureatus*: Monteiro Lobato e a campanha sanitária da Primeira República”, p. 122. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

⁵ Fertilidade.

⁶ A edição de *Cidades Mortas* usada neste artigo é da Editora Globo, 2007.

⁷ São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955. Ver capítulo “Oblivion, Itaoca”, p. 131-146.

ficou chocado e perplexo com a decadência de uma cidade que, em 1854, produzira nada menos que 78% do café paulista, ao passo que, no momento da estadia de Lobato, não chegava a produzir nem 4%. Daí o tom melancólico – dir-se-ia até pessimista – do texto, em que o leitor é apresentado a

“umas tantas cidades moribundas [que] arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.” (2007, p. 21)

Grandezas essas que podem, se quisermos fazer uma correlação com algo que ainda perdura, ser representadas pelas famosas fazendas dos senhores do café a se propagarem nos tempos áureos (na medida em que o café foi o ouro da região), muitas das quais hoje são pousadas e símbolos de um fausto período.

A visão desoladora do lugar, que não é nomeado, vai se acentuando a cada parágrafo, e as palavras escolhidas para descrever o panorama só reforçam essa impressão: “bolor rânido da velhice”, “casarões que lembram ossaturas de megatérios⁸”, “salões vazios”, “casas sem janelas”, “candelabros (...) esverdeados de azinhavre”. Tudo são vestígios, restos, esqueletos, carcaças. Como as caixas que guardamos em casa com nossas (boas) recordações. Parece que estamos adentrando uma cidade-fantasma, como nos filmes.

Perto do fim do conto, o autor usa um recurso interessante: descreve o que vê através do que não se vê mais, ou melhor, do que não se ouve mais, isto é, os sons característicos da cidade de outrora:

“...não vibram nel[a] fonfons de auto, nem cornetas de bicicleta, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem *ten-tens* de sorveteiros, nem *plás-plás* de mascates sírios. Só os velhos sons coloniais – o sino, o chilreio das andorinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu.” (2007, p. 23)

Observando-se a passagem acima, nota-se a persistência da igreja, resistente a quase todas as intempéries. Nesse ponto, vale fazer um parêntese para lembrar a triste cena presenciada este ano em São Luiz do Paraitinga, onde uma das igrejas seculares não resistiu à força impiedosa da água.

Mas Lobato não se restringe à cidade, e complementa sua descrição com o retrato da zona rural:

“No campo não é menor a desolação. Léguas a fio se sucedem de morraria⁹ áspera, onde reinam soberanos a saúva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Átila. Toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca, nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos à virgindade da terra nova; ou se transfez nos palacetes em ruína; ou reentrou na circulação européia por mão de herdeiros dissipados.” (1997, p. 23)

No início deste artigo, comentamos um trecho do conto que aludia, de modo implícito, à questão do café. Na passagem anterior, porém, a referência à crise cafeeira é clara e objetiva, e o Café – escrito em maiúscula – aparece agora como a personagem causadora de todos os reveses e infortúnios que acometeram a região. O autor, a fim de reforçar a força devastadora do café, compara-o a Átila (406-453), o poderoso rei dos hunos que ficou conhecido na história sob a alcunha “Praga de Deus” ou “Flagelo de Deus”, por sua crueldade e barbárie. Por meio dessa comparação com o rei huno é possível ter uma dimensão da grandeza e da importância do café, e da herança devastadora por ele deixada nas cidades do Vale do Paraíba.

O café para exportação ou, nas palavras de Lobato, “a seiva [que], sob forma de grão, [é] ensacada e mandada para fora”, começa a ser plantado no Vale no início do século XIX e encontra seu apogeu por volta da metade do século. Afirmamos, anteriormente, que a cidade de Areias representava, em 1854, 78% da produção de café paulista. O café na nossa região começa a dar mostras de enfraquecimento com o fim do tráfico de escravos, em 1850. O historiador Boris Fausto, em sua *História Concisa do Brasil*, afirma não haver dúvida “de que nesse período [primeira metade do XIX] boa parte da expansão do tráfico [de escravos] se deveu às necessidades da lavoura do café”¹⁰. Vale lembrar ainda que Lobato nasceu em 1882, período marcado por mudanças: o café começa a se transferir para a região Oeste do Estado. Ainda de acordo com Boris Fausto:

⁸ Preguiça-gigante, de corpo maciço e gigantesco, com cerca de 6 m de comprimento e esqueleto com características semelhantes às das preguiças e tamanduás viventes.

⁹ Os morros de uma região.

¹⁰ Boris Fausto, *História Concisa do Brasil*. São Paulo, EDUSP, 2006, p. 104.

“As economias cafeeiras do Vale do Paraíba e do Oeste paulista seguiram trajetórias opostas. A partir das duas últimas décadas do Império, seria possível constatar que, enquanto a primeira declinava, a segunda seguia em franca expansão” (2006, p. 110).

Mas se as cidades existentes em torno do rio Paraíba davam mostras de decadência, a transferência do café para o Oeste foi, por outro lado, fundamental para o desenvolvimento da capital paulistana, cidade sem grande destaque em meados do século XIX, quando as atenções estavam voltadas para o Rio de Janeiro, capital do Império. Para se ter uma idéia, o número de habitantes em São Paulo passou de 47.697 em 1886 para 64.934 em 1890 e atingiu a marca de 239.820 em 1900¹¹. De acordo com Tânia Regina de Luca, o contraste entre a São Paulo do século XIX e

“...a cidade que surgiu em função do deslocamento do café do Vale do Paraíba para o chamado ‘oeste paulista’ é dos mais significativos. No decorrer das últimas três décadas do século XIX, a nova área suplantou definitivamente o vale [do Paraíba] e selou o declínio do porto do Rio de Janeiro, como escoadouro do café, em prol de Santos, mais próximo das regiões produtoras e servido pela ferrovia São Paulo Railway...” (2008, p. 172-173)

Ler o conto “Cidades mortas” nos faz pensar naquele álbum de retratos antigos, dos nossos antepassados, álbum composto por imagens de coloração sépia, que exibem, parafraseando Lobato, aquilo que foi e não é mais, um tempo pretérito a contrastar com a “grandeza morta” presenciada pelo escritor. A beleza do conto reside nessa melancolia presente nas imagens retratadas através das palavras.

Até este momento destacamos, como traço característico de Lobato, o escritor denunciante, nacionalista, engajado nos problemas do Brasil e até mesmo saudosista. Mas a obra *Cidades Mortas* também reúne histórias reveladoras de um outro feito ainda não explorado neste artigo: o lado satírico do artista. Podemos pensar, talvez, que esse traço está mais explícito na obra infantil, sobretudo nas falas da Emília. Mas não é bem assim. Sua obra adulta apresenta, igualmente, um pendor para o cômico. Um riso diferente daquele causado pela Emília, mas não deixa de ser riso. Esse lado é observado por alguns críticos, como o professor Alfredo Bosi que, ao tratar de *Cidades Mortas*, comenta o desejo de Lobato em “reproduzir cenas e tipos vistos nos vilarejos decadentes do Vale do Paraíba” e ressalta a “nota da sátira local” de onde emergem “caricaturas que têm lá a sua comicidade” (Cf. BOSI, 1994, p. 217). Além disso, o crítico Brito Broca, no artigo “Euclides da Cunha e o Vale do Paraíba” (publicado originalmente em *A Gazeta*, 31/05/1952), ao abordar a mesma obra, mostra uma opinião que coincide com o parecer de Bosi, ao afirmar que “em Lobato havia um satírico” (p. 159).

No conto “Gens ennuyeux” percebe-se claramente o traço satírico ressaltado pelos críticos citados. A começar pelo título, escrito em francês, e que poderia ser traduzido por “Gente maçante, enfadonha, entediante”, se quisermos manter uma postura mais formal e contextualizada à época de sua escritura, o ano de 1901. Se optarmos, no entanto, por um registro mais coloquial, a alternativa mais evidente, a nosso ver, seria simplesmente “Gente chata”. Logo a partir do título, o leitor já começa a vislumbrar o panorama que se estenderá por algumas páginas. Posto que no conto “Cidades mortas” não havia personagens, ou melhor, as personagens principais dessa história eram, por assim dizer, a cidade e o café, agora temos um cenário completamente diverso, onde dialogam o narrador e seu amigo Lino, que juntos vão a uma conferência sobre História da Terra, a ser realizada na Sociedade Científica. A descrição dos participantes da reunião, no início do texto, fornece indícios da capacidade de ironia do escritor, que nos lembra até, guardadas as proporções, a ironia de um Machado de Assis. Talvez já tenhamos cruzado com alguns desses tipos:

“Havia o estilo-fiambre¹²: gente vermelha, com sangue à flor da pele em permanente congestão. O estilo-melado: gênero de importação alemã. O estilo-*ball*: queijos de Palmira com o vermelho substituído por um palor circular de cabelugens ralas. O estilo-clorose: rapazinhos de peito cavo e barba a esportar ingenuamente, macilentos de tez, olhos de bezerro disentérico, em cujas meninas – meninas-dos-olhos – pareciam boiar hipotenusas de braços dados a binômios de Newton.” (LOBATO, 2007, p. 100).

Dentro os vários tipos descritos pelo autor, chama nossa atenção principalmente o “estilo-clorose”, que remete a um ser estereotipado muito presente no meio universitário e acadêmico de hoje – o chamado *nerd*. Para melhor entender a aproximação dos dois tipos, vejamos como é descrito o *nerd*, de acordo com o site Wikipédia:

¹¹ Cf. Tânia Regina de Luca, “Imprensa e o mundo letrado paulista no início do século XX: o caso de Monteiro Lobato”, p. 173.

¹² Presunto.

“**Nerd** é um termo que descreve, de forma estereotipada, muitas vezes com conotação depreciativa, uma pessoa que exerce intensas atividades intelectuais, que são consideradas inadequadas para a sua idade, em detrimento de outras atividades mais populares. Por essa razão, um *nerd* é muitas vezes excluído de atividades físicas e considerado um solitário pelos seus pares. Pode descrever uma pessoa que tenha dificuldades de integração social e seja atrapalhada, mas que nutre grande fascínio por conhecimento ou tecnologia.”¹³

A caracterização do “estilo-clorose” demonstra, a nosso ver, a sensibilidade e a atualidade da obra de Lobato. Sem dúvida, a associação que estamos fazendo é pessoal e baseada em nossa experiência, mas cremos encontrar eco nas palavras do escritor, ainda que os termos usados sejam diferentes. Quando relacionamos as duas descrições, notamos muitas semelhanças nos caracteres. O que mais os diferencia parece ser a época em que foram descritos. O estilo-clorose é de 1901 e o *nerd* sobrevive no século XXI. O termo “clorose” remete a anêmico, visão reforçada pela falta de viço na pele – “macilentos de tez”. A palidez seria uma consequência da falta de atividades físicas em ambiente aberto, arejado pelo sol, já que o *nerd* tem, segundo a Wikipédia, dificuldades para realizar atividades em grupo, e acaba se isolando em seu próprio mundo, limitado aos livros e aos estudos. As hipotenusas¹⁴ e os binômios¹⁵ de Newton¹⁶ que, segundo o narrador, parecem boiar nos olhos dos “rapazinhos de peito cavo” representam – em nossa comparação com a definição da Wikipédia – o fascínio dos *nerds* pelo conhecimento e pela tecnologia, em suma, pelas ciências exatas. Por fim, quando o narrador do conto faz questão de evidenciar que as “meninas” às quais se refere são, na verdade, as “meninas-dos-olhos” – colocando-as, ademais, entre travessões – , podemos novamente encontrar consonância na solidão do *nerd* atual e sua dificuldade de integração social. Lobato salienta, num misto de finura e sarcasmo implacável, numa linguagem metafórica, a incapacidade do “estilo-clorose” de estabelecer uma relação humana, em contraposição à destreza demonstrada no trato com as ciências exatas.

O humor e as cenas divertidas permeiam toda a história. Antes mesmo do início da conferência à qual foram assistir, o narrador observa:

“Sobre a mesa, enfileirada, uma récua¹⁷ de bichos pré-históricos em miniatura – estegossauros, plesiosauros, iguanodontes e um mamutezinho que escancarava a goela vermelha num urro mudo”. (Lobato, 207, p. 101).

Como se o narrador, de forma indireta, chamasse os próprios “sábios” presentes no recinto de pré-históricos. O mais cômico nessa cena é o mamute, também entediado por lá estar. E o interessante é que os outros animais pré-históricos têm seus nomes grafados corretamente, em toda sua extensão e formalidade, e com todos os sufixos aos quais têm direito (“-auro, “-onte”) e que os engrandecem e os identificam. O mamute, por sua vez, é simples e carinhosamente seguido do diminutivo “-inho”, como sendo o próprio narrador, sentindo-se diminuído diante daqueles seres enormes pertencentes a outra era, parados no tempo, em resumo, fósseis vivos a perambular. O narrador, assim como o mamute, não deixa de soltar seu “urro mudo”, que ganha vida por meio da escrita. A história avança e o tédio aumenta, manifestando-se com mais ênfase. Mas a figura a refletir a sensação de enfado é a mesma:

“O esgoelado urro do mamutezinho já não é mais urro, sim bocejo formidoloso¹⁸. E não o único. Pela sala outros se escancaram, incoercíveis. A doutora reprime os seus com caretas. Algumas sobrecasacas cochilam. O burguês das verrugas resfolga com maior estrépito e mais bagas de suor na testa.” (LOBATO, 2007, p. 102).

A certa altura, o tédio é tanto e o cansaço mais ainda que o narrador revela ao leitor – “Nossas nádegas protestavam.” (LOBATO, 2007, p. 103). Depois de tanto sofrerem à espera do fim da palestra, já na rua, o narrador explica, de forma clara:

“Ciência e Arte nasceram para viver juntas, porque Arte é harmonia e Ciência é verdade. Quando se divorciam, a verdade fica desarmônica e a harmonia falsa. Se este senhor sábio trouxesse pela mão direita a Ciência e pela esquerda a Arte, para fundi-las no momento de falar, que coisa esplêndida

¹³ Extraído de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nerd>.

¹⁴ O lado de um triângulo retângulo, oposto ao ângulo reto.

¹⁵ Expressão algébrica que consiste em dois termos ligados por um sinal de mais ou de menos.

¹⁶ Isaac Newton (1643-1727): importante cientista inglês, destacando-se em várias áreas como matemática, física e astronomia.

¹⁷ Tropa.

¹⁸ Enorme.

não faria de um tal tema! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empanturrrou-nos a alma de coisas duras, indigeríveis (...)" (LOBATO, 2007, p. 104).

Aproveitamos essa passagem para enfatizar exatamente a junção que Monteiro Lobato fez da Ciência e da Arte em sua vida. O escritor criou, a partir de um tema "maçante", uma história onde se evidencia seu lado crítico de forma divertida e bem-humorada, não descuidando da forma. Essa concepção apresentada no final do conto "Gens ennuyeux" resume, de algum modo, sua própria criação e até mesmo o papel exercido pelo homem Monteiro Lobato: o escritor dedicado à arte e ao mesmo tempo o homem empenhado no desenvolvimento técnico e científico do país:

"...de empresário Monteiro Lobato se converte em lutador pela implantação da indústria pesada no Brasil: fundou pelos anos 30 a malograda Companhia Petróleo do Brasil e liderou a Campanha do Ferro, batendo-se também pelo saneamento do país". (CASTELLO, 1999, p. 49).

Neste artigo, analisamos uma ínfima parte da produção do autor. Como destacamos no início, estudar Lobato é um desafio pela extensão e variedade da obra. A despeito disso, cremos que o recorte feito para este trabalho pode dar uma visão múltipla das possibilidades oferecidas por esse ilustre vale-paraibano. Numa mesma obra, pudemos ter acesso a dois contos de temática diferenciada: no primeiro, a decadência das cidades; no segundo, o conservadorismo e o apego às tradições a dificultar a evolução humana. Ao fim e ao cabo, os dois contos se unem e se complementam, orientando-se quase na mesma direção: ambos refletem uma tentativa de superar um passado que atravanca o desenvolvimento. A terra ("mãe fecunda") exaustivamente explorada e esgotada em "Cidades Mortas" encontra sua correspondência nos "fósseis amontoados sobre a mesa" do conferencista de "Gens ennuyeux".

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.
- BROCA, Brito. "Euclides da Cunha e o vale do Paraíba (A Gazeta, 31/5/1952)". In: *Escrita e Vivência*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993, p. 156-159.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo, EDUSP, 1999, vol. II.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955, 2 vol.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo, EDUSP, 2006.
- LAJOLO, Marisa. "Alguns editoriais, 7 anúncios e 74 cartas de leitores: a arquitetura jornalística do primeiro livro de Monteiro Lobato". In: LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 151-163.
- LIMA, Nísia Trindade. "Um médico sabidíssimo contra o *Triatoma bacalareatus*: Monteiro Lobato e a campanha sanitária da Primeira República". In: LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 121-150.
- LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo, Globo, 2007.
- LUCA, Tânia Regina de. Imprensa e mundo letrado paulista no início do século XX: o caso de Monteiro Lobato". In: LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 165-191.
- "MONTEIRO LOBATO (1882-1948)". In: *Grandes Personalidades da Nossa História*. São Paulo, Abril Cultural, 1973.